



documento de apoio legal

programa
de alfabetização funcional
via tv.

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Ernesto Geisel

MINISTRO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Euro Brandão

PRESIDENTE DO MOBRAL
Arlindo Lopes Corrêa

SECRETÁRIO EXECUTIVO DO MOBRAL
Sérgio Marinho Barbosa

SECRETÁRIO EXECUTIVO ADJUNTO DO MOBRAL
Odalêa Cleide Alves Ramos

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA - MEC
FUNDAÇÃO MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO - MOBRAL

DOCUMENTO DE APOIO LEGAL
PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO FUNCIONAL VIA TV

Rio de Janeiro,
1978.

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pela Fundação Movimento Brasileiro de
Alfabetização CETEP/SEDOC)

F981 Fundação Movimento Brasileiro de Alfa-
betização

Programa de alfabetização funcional
via TV; documento de apoio legal.

Rio de Janeiro, 1978.

84p. 27cm.

1. Alfabetização funcional via TV.
I. Título.

78-89

cdd: 374.27
cdu: 371.687

Esta publicação reúne documentos que fundamentam a dispensa de licitação para contratação de Produtor para o Programa de Alfabetização Funcional via TV - PAF/TV

SUMÁRIO

- 1 - Exposição de motivos visando à dispensa de licitação para a contratação de Produtor para o PAF-TV.
- 2 - Relatório de avaliação dos Roteiros elaborados pelo Departamento Pedagógico da FCBTVE.
- 3 - Roteiros 10 e 12 elaborados pelo Departamento Pedagógico da FCBTVE.
- 4 - Projeto para Produção do Programa de Alfabetização Funcional via TV proposto pelo Sr. Marcos Margulies.

1 - EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS VISANDO A DISPENSA DE LICITAÇÃO
PARA CONTRATAÇÃO DE PRODUTOR PARA O PAF VIA TV.

Após detectar, nos grandes centros urbanos e periferias destes, a existência de grande número de adultos analfabetos, resistentes ao sistema convencional de ensino e constatar o deslocamento, cada vez maior da população rural para a periferia dos centros urbanos, o MOBRAL se propôs a incorporar a tecnologia TV como meio para otimizar o trabalho de alfabetização funcional que vem realizando há 7 anos.

Diante do quadro que se apresentava foi mantido, em 02/03/77, o primeiro contato entre MOBRAL e FCBTVE, visando um entendimento entre as duas entidades, para elaboração de um projeto conjunto de Alfabetização Funcional pela TV.

Neste ato, a FCBTVE foi representada pelo seu Diretor Geral Dr. Carlos Dondeo Jr. e o Assessor da Direção Sr. Marcio Rezende e o MOBRAL, representado pelo Secretário Executivo Adjunto Sr. Maurício Alves dos Santos e a Gerente Pedagógica Professora Adélia Maria Koff.

Após designação das equipes do MOBRAL e da FCBTVE, que desenvolveriam as tarefas, foi realizado um Seminário cujos objetivos eram:

- entrosamento das equipes;
- equalização do repertório;
- elaboração de um ante-projeto para subsidiar decisões.

Durante as reuniões sistemáticas do grupo (3 vezes por semana) foram abordados, discutidos e definidos os seguintes aspectos:

- Sistemática de trabalho do grupo

- Produção dos programas de TV
 - . metodologia
 - . conteúdo instrucional
 - . formato dos programas de TV
 - . quantidade dos programas
 - . avaliação
- Produção do material gráfico
 - . conteúdo instrucional do material
 - . formato
- Estruturação da rede de recepção
- Elaboração do Projeto PAF/TV

Iniciadas as reuniões, a FCBTVE alegou não dispor de recursos humanos suficientes para compor a equipe, uma vez que, careciam de roteirista e técnico em planejamento.

Para que não houvesse prejuízo no desenvolvimento das atividades, o MOBRAL assumiu a contratação de tais elementos que seriam indicados pelo Departamento Pedagógico da FCBTVE.

No período de março a setembro de 1977, procurou-se, através de diálogo e respeitando o Know-how de cada uma das entidades, chegar a um consenso quanto aos programas a serem produzidos. Para tanto, após a avaliação dos scripts, pelo MOBRAL, todos os aspectos eram analisados e discutidos com a equipe da FCBTVE.

Em setembro, ficou confirmada a impossibilidade do MOBRAL e FCBTVE co-produzirem a série de programas de TV para o Programa de Alfabetização Funcional, ocasião em que foi elaborado um relatório global sobre o trabalho que vinha sendo realizado.

Pelos motivos expostos no relatório foram suspensas as reuniões do grupo e seguindo orientações da Presidência do

MOBRAL, foram mantidos contatos informais com diversos produtores de TV visando a produção da série do PAF-TV.

Dentre os produtores contatados nenhum apresentou sugestão que viesse de encontro às expectativas do MOBRAL, devido à falta de coerência com a filosofia de educação adotada por esta Fundação e a não adequação à clientela alvo do programa, exceto, a proposta apresentada pelo Sr. Marcos Margulies.

Após a análise, pela Gerência Pedagógica do MOBRAL, da proposta apresentada houve consenso quanto à aprovação da mesma, pois, além de apresentar os quesitos já citados, admitia a abertura para consecução dos princípios metodológicos e filosóficos do PAF.

Diante do exposto e por se tratar de um trabalho de criação artística, vimos solicitar a dispensa de licitação, baseando-nos no decreto-lei 200 artigo 126, letra d, de 27 de fevereiro de 1967.

- Documento enviado ao SEXAD e aprovado em 6/03/78.

2 - RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DOS ROTEIROS ELABORADOS PELA FCBTVE

Na avaliação feita nos roteiros dos programas 1 a 14 do Projeto para implantação do PAF pela TV, ficaram bastante caracterizados os seguintes pontos:

- atitude paternalista demonstrada pelo monitor (roteiro 12 pág. 15)
- inadequação à clientela alvo, caracterizada pelo tratamento infantil dispensado aos alunos através:
 - . dos conceitos emitidos nos diálogos;
 - . da linguagem utilizada pelo monitor;
 - . da falta de crédito na capacidade dos alunos desempenharem suas tarefas - a todo momento esta é posta em dúvida (roteiros 12.8 - 12.9)
- o aluno é colocado sempre, na condição de mero "receptor da mensagem" e o monitor "o detentor do saber" - magister dixit. Não existe troca entre monitor/aluno - aluno/aluno, o que conduziria ao aproveitamento/valorização dos conhecimentos/experiências que os alunos acumularam durante toda a vida (roteiros 12.8 - 12.9).
- as situações onde estariam presentes a cultura do aluno (cultura popular) não são enfocadas.
- as situações criadas para introdução de conteúdos de matemática e de algumas palavras não obedecem a um encadeamento lógico de fatos/idéias (roteiro 10.8).
- pobreza de recursos visuais chegando, em algumas situações ao desprezo pelo mesmo.

Isto é demonstrado da seguinte forma:

- . o áudio descreve o visual;
- . o áudio não é utilizado e há transmissão verbal dos

conceitos;

- . limitação na variedade de narrativas e de tratamento visual (roteiros 12.2 - 12.11).
- Pobreza de recursos auditivos quando:
 - . limita-se a descrever o audio, sem enriquecê-lo;
 - . transmite conceitos incorretos (roteiro 12.2):
- Metodologia - aplicação da metodologia "convencional" de Alfabetização Funcional (havia abertura para criação de uma nova, tendo em vista a utilização do meio TV) de forma incorreta/empobrecida pois, as palavras geradores não eram decodificadas pelos alunos (roteiro 12.2).
 - . as novas palavras não eram décodificadas (roteiros 12.6 - 12.7);
 - . a troca de experiências/conhecimentos não eram oportunizadas;
 - . os conteúdos de matemática não estavam ligados às situações de vida dos alunos.

OBS.: Tomamos como referência somente os roteiros nº 10 e 12 para facilitar a remissão, entretanto as observações citadas ocorrem em todos os roteiros avaliados.

DEPARTAMENTO PEDAGÓGICO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

1 - CONTAS

- a) Relatório sobre a situação da família, observando-se:
- a situação econômica da família;
- a situação social da família;
- a situação cultural da família;
- a situação de saúde da família;
- a situação de educação da família;
- b) Relatório sobre a situação da família, observando-se:
- a situação econômica da família;
- a situação social da família;
- a situação cultural da família;
- a situação de saúde da família;
- a situação de educação da família;
- c) Relatório sobre a situação da família, observando-se:
- a situação econômica da família;
- a situação social da família;
- a situação cultural da família;
- a situação de saúde da família;
- a situação de educação da família;

3- ROTEIRO 10 E 12 ELABORADOS PELO DEPARTAMENTO PEDAGÓGICO DA FCBTVE

1 - ANÁLISE DE

VER FICHA DE

ANÁLISE DE

DE

12 - ANÁLISE DE

DE

DE

DEPARTAMENTO PEDAGÓGICO/FCBTVE
ALFABETIZAÇÃO FUNCIONAL POR TELEVISÃO
PROGRAMA Nº 10

I - CONTEÚDO

- a) Palavras: povo, saúde e família. Decomposição em sílabas. Famílias silábicas: pa... va... sa... a... da... fa... ma... la...
- b) Leitura: povo, saúde, família, pé, sola, moeda, Viva o Pelé! 6, 3.
- c) Escrita: A vida do Pelé. (Imprensa p/cursiva),
8 4 2
- d) Conhecimentos: O esporte e seu valor para a saúde. Esporte amador e profissional.

VÍDEO

AUDIO

I - ABERTURA GERAL

SONOPLASTIA DE ABERTURA

VER PROGRAMA ANTERIOR

BAIXA SOM

II - MOTIVAÇÃO TEMÁTICA

CÂM 3 MOSAICO DE FOTOS
CORRESPONDENTE ÀS CENAS
DA ABERTURA.

ENTRA "POT-POURRI"
MUSICAL DAS AULAS 2, 3
E 4.

INSERT:

PROGRAMA Nº 10

BAIXA SOM

TC FILME

ENTRA SOM DO FILME

- CRIANÇAS, JOVENS, ADULTOS,
PESSOAS IDOSAS: LOTANDO
ARQUIBANCADA EM ESTÁDIO.

PROF (OFF): Gente que
vai ao estádio de
futebol para torcer pelo
seu time.

... Essa gente é o povo.

INSERT:

povo

VOZES: povo!

- CENA DE JOGO DE FUTEBOL,
JOGADORES EM ATIVIDADE.
PELÉ FAZ GOL.

PROF (OFF): Pelé, o
mais famoso jogador do
mundo, procura manter
boa saúde.

INSERT:

saúde

VOZES: saúde!

- FESTA FAMILIAR: AVÔ, AVÓ,
MÃE, PAI, FILHOS ALEGRES.

PROF (OFF): Para
festejar o campeonato
de futebol, reúne-se
toda a família.

INSERT:

família

VOZES: família!

III - DESENVOLVIMENTO TEMÁTICO.

CÂM 2 PROF À AUDIÊNCIA
SURGEM EM CÍRCULO.

povo saúde família

CÂM 1 EVERALDO AO PROF

CÂM 2 PROF À AUDIÊNCIA

CÂM 3 SURGE

povo

AS SÍLABAS SE DIVIDEM

po

vo

IDEM:

saúde

sa

ú

de

PROF: Povo: somos todos
nós. Saúde: cuidamos
para conservá-la.

Família: trabalhamos
para dar-lhe tudo.

EVERALDO: Nós já
sabemos ler essas três
palavras que apareceram.

PROF: Sabem ler as 3
palavras e sabem também
repartí-las em sílabas...

EVERALDO (OFF): povo

VOZES: po ... vo (AC)

EVERALDO (OFF): saúde

VOZES: sa... ú... de
(AC)

IDEM:

família

fa

mí

li

a

CÂM 2 PROF À AUDIÊNCIA

CÂM 1 AMÉLIA AO PROF

CÂM 2 PROF À AUDIÊNCIA

CÂM 3 SURGE

po

pa pe pi po pu

vo

va ve vi vo vu

EVERALDO (OFF): família

VOZES: fa... mí... li...
a (AC)

PROF: Depois das
sílabas repartidas, nós
fizemos descobertas.
Quem se lembra como foi?

AMÉLIA: Eu me lembro.
Depois que nós
repartimos as palavras
em sílabas, nós
aprendemos as famílias
das sílabas...

PROF: Então, vou mostrar
as sílabas de cada
palavra e vocês vão
dizer as famílias.

PROF (OFF): A 1.^a sílaba
é po. Qual é a família
do po?

VOZES: pa, pe, pi, po, pu
(ESCALA)

PROF (OFF): A 2.^a sílaba
é vo. Qual é a família
do vo?

SURGEM AS SÍLABAS DE CADA
FAMÍLIA AO SEREM MENCIONADAS

CÂM 1 UBIRAJARA À AUDIÊNCIA

CÂM 2 PROF. A UBIRAJARA

CÂM 1 UBIRAJARA AO PROF.

CÂM 3 MOSTRA

sa sa se si so su

ú a e i o u

de da de di do du

SURGEM AS SÍLABAS DE CADA
FAMÍLIA AO SEREM MENCIONADAS

CÂM 2 PROF. À AUDIÊNCIA

CÂM 1 IDALINA AO PROF.

VOZES: va, ve, vi, vo,
vu (ESCALA)

UBIRAJARA: Eu me lembro
ainda da palavra saúde.

PROF: Você quer
recordar com seus
colegas as famílias das
sílabas da palavra
saúde?

UBIRAJARA: Se quero!

UBIRAJARA (OFF): Com a
sílabas sa, nós achamos...

VOZES: sa, se, si, so, su
(ESCALA)

UBIRAJARA (OFF): Com a
sílabas u, nós achamos...

VOZES: a, e, i, o, u
(ESCALA)

UBIRAJARA (OFF): Com a
sílabas de, nós achamos...

VOZES: da, de, di, do,
du (ESCALA)

PROF: Vamos ver a outra
palavra: família.

IDALINA: Posso dizer
essa, professor?

CÂM 2 PROF. A IDALINA

PROF: Pode, sim.

CÂM 3 MOSTRA

IDALINA (OFF): A

fa fa fe fi fo fu

família do fa é...

VOZES: fa, fe, fi, fo, fu (ESCALA).

mi ma me mi mo mu

IDALINA (OFF): A

família do mi é...

VOZES: ma, me, mi, mo, mu (ESCALA).

li la le li lo lu

IDALINA (OFF): A

família do li é...

VOZES: la, le, li, lo, lu (ESCALA).

a a e i o u

IDALINA (OFF): A

família do a é...

VOZES: a, e, i, o, u (ESCALA).

SURGEM AS SÍLABAS DE CADA
FAMÍLIA AO SEREM MENCIONADAS

CÂM 2 PROF. Æ AUDIÊNCIA

PROF: Com 3 palavras,
vocês descobriram oito
famílias de sílabas.

CÂM 3 SURGE QUADRO DAS FAMÍLIAS

SONOPLASTIA: MÚSICA
ALEGRE

a e i o u

pa pe pi po pu

va ve vi vo vu

sa se si so su

da de di do du

fa fe fi fo fu

ma me mi mo mu

la le li lo lu

CÂMARA MOSTRA DE LONGE E
APROXIMA, PERCORRENDO DE CIMA
PARA BAIXO.

CÂM 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF. MOSTRA PÁGINA

CÂM 1 OTAVIANO À AUDIÊNCIA

CÂM 3 PERCORRE QUADRO DAS
FAMÍLIAS. PISCAM pe
E le

CÂM 1 SURGEM SÍLABAS Pe E lé.
JUNTAM-SE FORMANDO A
PALAVRA

CÂM 3 APARECE FOTO DE PELÉ
COM O NOME ABAIXO Pelé

CESSA MÚSICA

PROF: Esse quadro está
no livro-caderno do
MOBRAL que vocês têm.
Está nesta página
(MOSTRA). Com ele,
vocês podem descobrir
novas palavras.

OTAVIANO: Eu descobri
uma boa palavra, o nome
do maior jogador do
mundo.

OTAVIANO (OFF): Pe...
lé...

VOZES: Pelé (AC)

PROF (OFF): A palavra
Pelé é nome de pessoa,
por isso começa com
letra maiúscula.

CÂM 2 PROF. AO EVERALDO

PROF: Everaldo! Procure formar uma palavra usando as sílabas do quadro.

CÂM 1 EVERALDO, INDECISO

EVERALDO: Eu acho que descobri uma palavra...

CÂM 3 PERCORRE QUADRO DAS SÍLABAS. PISCAM vi E da

EVERALDO (OFF): vi...da.

CÂM 1 SURGEM SÍLABAS vi E da UNEM-SE

VOZES: vida (AC)

CÂM 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF: Quem já formou outra palavra?

CÂM 1 IDALINA AO PROF.

IDALINA: Eu, professor! Pensando no Pelé, formei uma palavra.

CÂM 3 PERCORRE QUADRO DAS SÍLABAS. PISCAM fa E ma

IDALINA (OFF): fa... ma

CÂM 1 SURGEM SÍLABAS fa E ma. UNEM-SE

VOZES: fama (AC)

CÂM 2 PROF, SORRIDENTE, EM' CLOSE

PROF: Muito bem, Idalina. De fato, Pelé tem fama.

CÂM 1 AMÉLIA AO PROF.

AMÉLIA: Eu também descobri uma palavra. E acho que combina com o Pelé.

CÂM 3 PERCORRE QUADRO DAS
SÍLABAS. PISCAM so E la

AMÉLIA (OFF): so... la

CÂM 1 MOSTRA SOLA DE PÉ.
SURGEM SÍLABAS so E la.
UNEM-SE.

VOZES: sola (AC).

CÂM 2 PROF. À AUDIÊNCIA

DEPOIS A UBIRAJARA

PROF: Amélia acertou.
Agora, Ubirajara, é a sua
vez. Forme uma palavra.

CÂM 1 UBIRAJARA AO PROF.

UBIRAJARA: Que pena!

CÂM 2 PROF. AO UBIRAJARA

PROF: Pena, por quê?

CÂM 1 UBIRAJARA EM CLOSE

UBIRAJARA: Porque eu
preferia dizer uma frase,
em vez de formar palavra...

CÂM 2 PROF. AO UBIRAJARA

PROF: Prefere dizer uma
frase? Está bem! Forme
uma frase com a palavra
Pelé.

CÂM 1 UBIRAJARA SORRI

UBIRAJARA: Com Pelé é
fácil.

CÂM 3 SURGEM AS PALAVRAS À
MEDIDA QUE OTAVIANO
FALA. PISCAM AO SEREM
DITAS PELAS VOZES.

UBIRAJARA (OFF): Pelé é
sadio.

VOZES: Pelé é sadio. (AC)

CÂM 2 PROF. À AUDIÊNCIA

DEPOIS AO UBIRAJARA

PROF: Gostei da frase do Ubirajara. Mostrou que ele conhece a vida do Pelé. (A UBIRAJARA) Mas eu gostaria que você, Ubirajara, descobrisse no quadro de sílabas uma palavra, conforme eu pedi.

CÂM 1 UBIRAJARA, SEGURO DE SI

UBIRAJARA: Eu já achei uma boa palavra.

CÂM 3 PERCORRE QUADRO DAS FAMÍLIAS. PISCAM mo E da

UBIRAJARA (OFF): mo... e... da

CÂM 1 MOSTRA MOEDA (CARA). SURGEM SÍLABAS mo E da UNEM-SE.

VOZES: moeda! (AC)

CÂM 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF: Viram? Ele sabia...

CÂM 1 OTAVIANO RINDO

OTAVIANO: Bira gosta de dinheiro. RISOS

CÂM 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF: Dinheiro, que pode ser em notas ou em moedas.

CÂM 1 AMÉLIA AO PROF.

AMÉLIA: Moedas! Lá em casa, as crianças gostam de botar as moedas nos cofrinhos.

CÂM 3 MOSTRA DESENHO DE 3
COFRES. UMA MOEDA ACIMA
DE CADA UM.

AMÉLIA (OFF): Se eu
tenho 3 moedas, dou uma
pra cada um.

CÂM 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF: Amélia faz bem.
Divide as moedas entre
os 3 filhos.

CÂM 1 EVERALDO AO PROF.

EVERALDO: Mas só está
certo se as 3 moedas
forem iguais.

CÂM 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF: Everaldo tem toda
razão.

CÂM 1 AMÉLIA EM CLOSE

AMÉLIA: Eu sei! Quando
tenho 6 moedas iguais,
boto duas em cada cofre.

CÂM 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF: Certo!... Mas, se
forem 6 moedas e 2
cofres, ...

CÂM 3 1ª MOSTRA 6 MOEDAS.
DEPOIS, MOSTRA DESENHO
DE 2 COFRES. TRÊS
MOEDAS ACIMA DE CADA
UM. PISCA 3.

PROF (OFF): ... Cada
cofre recebe ...

VOZES: três (AC)

CÂM 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF: E, se forem 8
moedas e 2 cofres, ...

CÂM 3 1ª MOSTRA 8 MOEDAS. DEPOIS,
MOSTRA DESENHO DE 2 COFRES.
QUATRO MOEDAS ACIMA DE CADA
UM. PISCA 4

PROF (OFF): ... cada
cofre recebe...

VOZES: quatro (AC)

CÂM 2 PROF. À CLASSE

PROF: Já percebi que,
em assunto de dinheiro,
todos são muito sabidos.
Vamos ver se, na leitura
e na escrita vão mostrar
a mesma sabedoria.

Abram o Livro-caderno
do MOBREAL na aula 10.
Todos vocês devem abrir
o Livro-caderno e
arranjar um lápis,
porque vamos ler e
escrever.

À AUDIÊNCIA

CÂM 3 MOSTRA PÁGINA PAR DO
LIVRO-CADERNO.

PROF (OFF): Vou pedir à
Idalina que leia.

. APROXIMA povo, saúde
e família.

IDALINA (OFF): povo

. APROXIMA PALAVRAS.

VOZES: povo

. APROXIMA FRASE À
MEDIDA QUE SÃO LIDAS.

IDALINA (OFF): saúde

VOZES: saúde

IDALINA (OFF): família

VOZES: família

IDALINA (OFF): pé

CÂM 3 MOSTRA FRASE COM LETRA
DE IMPRENSA E ABAIXO
CURSIVA

PROF (OFF): Vocês vão
escrever essa frase:
A... vida... do... Pelé
(1.^a FRASE).

VOZES: A... vida...do...
Pelé (2.^a FRASE)

CÂM FOCALIZA 1.^a LINHA.
FOCALIZA 2.^a LINHA.

PROF (OFF): Na 1.^a linha
a frase está escrita ã
maneira dos jornais e
livros. Na 2.^a linha a
frase está escrita como
vocês devem escrever.

CÂM 2 PROF. ã AUDIÊNCIA

PROF: Todos já sabem
escrever a maiúsculo,
mas vou mostrar mais uma
vez como se faz, para
que ninguém se
atrapalhe. Prestem
atenção e escrevam A.

CÂM 3 QUADRO DE VIDRO MOSTRA
LENTAMENTE A

SONOPLASTIA: VALSA

PERMANECE A IMAGEM

BAIXA SOM

CÂM 2 PROF. ã AUDIÊNCIA

PROF: Agora, vocês vão
ver como se escreve a
palavra vida.

CÂM 3 QUADRO DE VIDRO MOSTRA
LENTAMENTE vida

SONOPLASTIA: VALSA

BAIXA SOM

CÂM 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF: Escrevam a
palavra vida.

CÂM 3 QUADRO DE VIDRO REPETE

vida

SONOPLASTIA: VALSA

BAIXA SOM

CÂM 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF: Vou mostrar como
se escreve a palavra do.

CÂM 3 QUADRO DE VIDRO MOSTRA
LENTAMENTE

do

SONOPLASTIA: VALSA

BAIXA SOM

CÂM 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF: Escrevam do.

CÂM 3 QUADRO DE VIDRO REPETE

do

SONOPLASTIA: VALSA

BAIXA SOM

CÂM 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF: Vocês vão ver
agora como se escreve o
nome do mais famoso
jogador do mundo: Pelé.

CÂM 3 QUADRO DE VIDRO MOSTRA
LENTAMENTE

Pelé

SONOPLASTIA: VALSA

BAIXA SOM

CÂM 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF: Escrevam, agora,
a palavra Pelé.

CÂM 3 QUADRO DE VIDRO REPETE

Pelé

SONOPLASTIA: VALSA

BAIXA SOM

CÂM 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF: Para terminar a frase façam o ponto depois da palavra Pelé.

CÂM 1 OTAVIANO ORGULHOSO

OTAVIANO: Se o Pelé visse a minha escrita, ia até ficar contente. Caprichei ã beça!

CÂM 3 MOSTRA

A vida do Pelé.

PROF (OFF): Está realmente muito bem feita!

CÂM 2 PROF. A OTAVIANO

PROF: E você vai, agora, dizer os números que devem ser escritos no livro-caderno.

CÂM 3 MOSTRA PÉ DA PÁGINA ÍMPAR DA AULA 10

OTAVIANO (OFF): São 8 moedas. O nº é 8.

. APROXIMA 1º DESENHO

VOZES: oito.

. PASSA AO 2º DESENHO

. PASSA AO 3º DESENHO

PROF (OFF): Escrevam o nº 8.

SURGEM OS NºS QUANDO DITOS

OTAVIANO (OFF): Já vi tudo! Dividiram as oito moedas em duas partes: 4 para cada lado. O nº é 4.

PROF (OFF): Escrevam o nº 4... duas vezes!

OTAVIANO RINDO

PROF. SORRIDENTE

EVERALDO VAI AO QUADRO

PROF. AO EVERALDO

À AUDIÊNCIA

MOSTRA EVERALDO ESCRREVENDO
COM PINCEL ATÔMICO

Pelé

OTAVIANO (OFF): Dividiram
de novo! Olha aí! Quatro
moedas em duas partes.
Cada parte tem duas. O
nº é 2.

VOZES: dois.

PROF (OFF): Escrevam o
nº 2... duas vezes.

OTAVIANO: Acabou
empatado: dois a dois!
RISOS.

PROF: Não! Vamos fazer
mais um gol. E quem vai
marcar o gol é o
Everaldo aqui no quadro.

EVERALDO: Se for número,
o gol está feito, que eu
não chuto pra fora!

PROF: Não é nº, mas
tenho certeza de que
você não vai errar...
Escreva a palavra Pelé.
(À AUDIÊNCIA) Escrevam
todos: Pelé

SONOPLASTIA: VALSA

BAIXA SOM

OTAVIANO ALEGRE

CÂM 2 PROF. À AUDIÊNCIA

UBIRAJARA AO PROF.

PROF. À AUDIÊNCIA

AMÉLIA AO PROF.

PROF. À CLASSE

GAROTOS JOGANDO PELADA

EVERALDO AO PROF.

IDALINA, SURPRESA

OTAVIANO: O senhor
tinha razão, professor!
Everaldo fez o gol. E
foi pãsse do Pelé. RISOS.

PROF: Espero que todos
tenham acertado também,
ganhando o jogo de hoje.

UBIRAJARA: Com o Pelé no
time ninguém perde. O
Pelé é tricampeão do
mundo.

PROF: Desde menino Pelé
sempre praticou esporte.

AMÉLIA: O esporte é bom
pra saúde, não é?

PROF: O esporte é bom,
principalmente para os
jovens.

PROF (OFF): Ficam fortes
e aprendem a dar valor
ao trabalho em equipe.

EVERALDO: Sei disso.
Equipe é o time. No meu
tempo de rapaz, eu
joguei futebol na minha
terra. Era amador...

IDALINA: Amador? Que é
isso?

EVERALDO COM AR DE
QUEM ENSINA

IDALINA, COMOVIDA

PROF. À AUDIÊNCIA

OTAVIANO À AUDIÊNCIA

SELECIONADO BRASILEIRO,
TRICAMPEÃO, JOGANDO
(PASSES)

CÂM 2 PROF. À AUDIÊNCIA

AO EVERALDO

CÂM 3 EVERALDO ENTUSIASMADO
ESCREVE

EVERALDO: Amador é quem
pratica esporte por amor
ao esporte: de graça!

IDALINA: Puxa! Isto é
que é gostar...

PROF: O jogador
profissional também
gosta do esporte. Recebe
para jogar. É o seu
trabalho, sua profissão.

OTAVIANO: A diferença
está na profissão. O
jogador amador tem
outra profissão.

OTAVIANO (OFF): O
profissional só faz
jogar. E ganha pra isso.

PROF: Estou vendo que
você sabem tudo sobre
o assunto. São capazes
até de ensinar... (AO
EVERALDO). Vamos
terminar bem esta
partida? Você, que gosta
de números, Everaldo,
escreva aí todos os
números que já aprendemos.
Vai ser uma goleada!

VOZES: um... dois...
três... quatro... cinco

1 2 3 4 5 6 7

SELECIONADO PROSSEGUE
PARTIDA. PELÉ FAZ GOL E DÁ
UM PULO DE ALEGRIA

- ENCERRAMENTO GERAL DA SÉRIE

... seis... sete...

SONOPLASTIA: PRA FRENTE,
BRASIL
(SÓ ORQUESTRA)

Reproduzido do script original entregue ao MOBRAF em agosto
de 1977.

DEPARTAMENTO PEDAGÓGICO/FCBTVE

ALFABETIZAÇÃO FUNCIONAL POR TELEVISÃO

PROGRAMA Nº 12

CONTEÚDO:

- a) Palavra-geradora: comida
- b) Leitura: comida, co mi da, ca, co, cu, ma, me, mi, mo, mu, da, de, di, do, du, cama, cuca, cocada, macaco - 1, 5, 10 cruzeiros.
- c) Escrita: comida - Mico é macaco. - 10
- d) Conhecimentos: Alimentação do povo brasileiro. Alimentos de origem animal e vegetal.

VÍDEO

ÁUDIO

I- ABERTURA GERAL:

SONOPLASTIA DE ABERTURA

VER NO PROGRAMA ANTERIOR

BAIXA SOM

II- MOTIVAÇÃO TEMÁTICA:

ENTRA SOM DO FILME

TC FILME:

CENA DE RUA. CARROCINHA
VENDE COMIDA; PESSOAS
PARAM PARA COMPRAR.

INSERT:

BAIXA SOM

PROGRAMA Nº 12

PROF(OFF): Comida, seja ela qual' for, acaba com a fome.

VÍDEO

ÁUDIO

TC

FILME

- HOMENS COM MARMITAS COMENDO AO AR LIVRE PROF(OFF): Comida para dar forças ao trabalhador.
 - CRIANÇAS TOMANDO SOPA EM REFEITÓRIO DE ESCOLA PROF(OFF): Comida que as crianças muito apreciam.
 - MULHER NUMA COZINHA PREPARA COMIDA PROF(OFF): Comida de casa, a que é feita com bastante capricho.
 - RAPAZ JUNTO A BALCÃO ONDE HÁ UM COPO COM REFRESCO E UM PRATO COM CROQUETES PROF(OFF): Comida que se come às pressas, mas também alimenta.
 - CASAIS, CRIANÇAS NUM BOSQUE EM PIQUENIQUE PROF(OFF): Comida que reúne os amigos num piquenique.
 - MESA COM BOLO ENFEITADO; PESSOAS AO REDOR PROF(OFF): Comida especial em dia de festa.
- CÂM. 2 PROFESSOR, EM CLOSE, PARA A AUDIÊNCIA. PROF.: Comida que o povo produz e come.

CÂM. 1 CÂMARA MOSTRA CLASSE NO ESTÚDIO, PERCORRENDO ROSTOS DOS ALUNOS. PROF.(OFF): Comida que usamos em nossa alimentação, eu e vocês.

CÂM. 2 PROF. JUNTO AO QUADRO IMANTADO. PROF.: Nós comemos (MOSTRA).

MOSTRA: comida

comida

CESSA MÚSICA

III- DESENVOLVIMENTO TEMÁTICO:

CÂM. 2 PROFESSOR, FALANDO À CLASSE, MOSTRA NO QUADRO IMANTADO. PROF.: Nós não podemos viver sem comida. Aqui está escrito: comida. Leiam (MOSTRA)

comida

CÂM. 3 APROXIMA. VOZES: comida (ACORDE)

comida

CÂM. 2 PROF., EM CLOSE, PARA A AUDIÊNCIA PROF.: E vocês aí... Leiam também.

CÂM. 3 CÂMARA TORNA A MOSTRAR VOZES: comida (ACORDE).

comida

ZOOM IN

CÂM. 2 PROF A OTAVIANO

PROF.: Otaviano! Venha ver caixa de botões quais as palavras que sabe ler.

CÂM. 1 ACOMPANHA OTAVIANO
À MESA DO PROF

OTAVIANO: Eu já sei uma porção de palavras!

CÂM. 3 MOSTRA QUADRO

| | | |
|---------|------|--------|
| família | rua | povo |
| saúde | pera | mel |
| lata | bife | comida |

OTAVIANO(OFF): família

VOZES: família (AC)

OTAVIANO(OFF): povo

VOZES: povo (AC)

OTAVIANO(OFF): saúde

VOZES: saúde (AC)

OTAVIANO(OFF): comida

VOZES: comida (AC)

ACENDEM-SE EM SEQUÊNCIA AS PALAVRAS, QUANDO CITADAS. CÂMARA APROXIMA Comida.

CÂM. 2 PROF. ARTICULA E SEPARA.

co

mi

da

PROF.: Quando vocês falam a palavra comida abrem a boca três vezes: co ... mi ... da. A palavra comida tem três sílabas (SEPARADAS).

CÂM. 3 CÂMARA APROXIMA.

co

mi

da

PROF.(OFF): Otaviano, leia uma sílaba de cada vez.

OTAVIANO(OFF): co

VOZES: co (ACORDE)

OTAVIANO(OFF): mi

VOZES: mi (ACORDE)

PISCAM AS SÍLABAS

OTAVIANO(OFF): da

VOZES: da (ACORDE)

CÂM. 1 MOSTRA PRATO FUME
GANTE E A PALAVRA
comida

OTAVIANO(OFF): comida

VOZES: comida (AC)

CÂM. 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF.: Vocês já aprenderam a formar as famílias das sílabas das palavras...

CÂM. 1 OTAVIANO AO PROF

OTAVIANO: Eu sei formar as famílias das sílabas da palavra comida.

CÂM. 2 PROF AO OTAVIANO

PROF: Então, eu vou mostrar o quadro, e você vai dizer as famílias.

CÂM. 3 SURGE QUADRO

OTAVIANO: Ih! Essa família só tem 3 sílabas:
ca co cu

| | |
|----|----------------|
| co | ca - - co cu |
| mi | ma me mi mo mu |
| da | da de di do du |

VOZES: ca co cu (ESCALA: dó mi sol)

PISCAM SÍLABAS LIDAS

CÂM. 1 IDALINA AO PROF

IDALINA: As outras famílias têm cinco sílabas.

CÂM. 2 PROF À CLASSE

PROF: De fato, essa família é diferente, só tem 3 sílabas.

As outras sílabas abandonaram a família.

CÂM. 1 OTAVIANO RINDO

OTAVIANO: Como eu! Fugiram de ca
sa!

CÂM. 2 PROF. AO OTAVIANO

PROF: Como você, não! Você, um dia, vai voltar para casa. Essas sílabas abandonaram a família para sempre. ... Vamos acompanhar a leitura do Otaviano?

À AUDIÊNCIA

CÂM. 3 REPETE QUADRO

OTAVIANO (OFF): ca co cu

| |
|----|
| co |
| mi |
| da |

ca - - co cu

VOZES: ca co cu (ESCALA: dô mi sol)

ma me mi mo mu

OTAVIANO(OFF): ma me mi mo mu

VOZES: ma me mi mo mu (ESCALA)

da de di do du

OTAVIANO(OFF): da de di do du

VOZES: da de di do du (ESCALA)

PISCAM AS SÍLABAS

CÂM. 2 PROF À AUDIÊNCIA

PROF: E, agora, que já vimos o quadro das sílabas, quem vai me dizer uma palavra nova?

CÂM. 1 AMÉLIA AO PROF

AMÉLIA: Eu, professor! Vou dizer o nome de um doce que sei fazer.

CÂM. 3 REPETE QUADRO

AMÉLIA(OFF): co...ca...da

PISCAM: co ca da

CÂM. 1 JOGA IMAGEM DE COCADA
BRANCA COM A PALAVRA
cocada.

VOZES: cocada (AC)

CÂM. 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF: Quem é capaz de formar
outra palavra?

CÂM. 1 UBIRAJARA AO PROF.

UBIRAJARA: Eu já tenho uma
aqui na ponta da
língua...

CÂM. 2 PROF. AO UBIRAJARA

PROF: Qual é, Ubirajara?

CÂM. 3 SURGE FOTO DE CAMA
JUNTAM-SE AS SÍLABAS
ca ma

UBIRAJARA(OFF): ca...ma

VOZES: cama (AC)

CÂM. 2 OTAVIANO, ANIMADO,
À AUDIÊNCIA

OTAVIANO: Vou dizer também.
É uma palavra de 3
sílabas.

CÂM. 3 REPETE QUADRO
PISCAM: ma ca co

OTAVIANO(OFF): ma...ca...co

CÂM. 1 JOGA FOTO DE MACACO
COM A PALAVRA macaco

VOZES: macaco (AC)

CÂM. 2 PROF À IDALINA

PROF: E você, Idalina. Já des-
cobriu alguma palavra?

CÂM. 1 IDALINA À AUDIÊNCIA
APONTA O PRÓPRIO
CRÂNIO

IDALINA: Descobri, sim. É is-
so aqui! (Põe mão na
cabeça)

CÂM. 3 REPETE QUADRO

PISCAM:cu ca

IDALINA (OFF): cuca

CÂM. 1 AMÉLIA, SORRIDENTE

AMÉLIA: Cuca é o nome de um doce de banana que eu costumo fazer.

CÂM. 2 MOSTRA FOTO DE BOLO DE TABULEIRO COBERTO COM RODELAS DE BANANA
SURGE A PALAVRA: cuca

VOZES: cuca (AC)

CÂM. 1 EVERALDO EM CLOSE

EVERALDO: Eu também já achei uma palavra

CÂM. 3 SURGE FOTO DE MICO
JUNTAM-SE ÀS SÍLABAS
mi co

EVERALDO (OFF): mico

VOZES: mico (AC)

CÂM. 2 OTAVIANO COM AR MAROTO

OTAVIANO: Essa não devia valer, professor. Ele usou a minha idéia. Eu falei macaco; ele falou mico... Mico é macaco!

CÂM. 1 UBIRAJARA EM CLOSE

UBIRAJARA: Mico é macaco. Está aí uma frase! E foi o Otaviano quem falou sem querer...

CÂM. 2 EVERALDO AO PROF

EVERALDO: Eu já tive um mico. O que tem de pequeno, tem de travesso. E como come o pequenino.

CÂM. 1 UBIRAJARA SUSPIRA.
CÂMARA PERCORRE ROS
TOS DA TURMA RINDO,
INCLUSIVE UBIRAJARA.

UBIRAJARA: Falou em comida, e eu logo tenho fome.
RISOS

EVERALDO

EVERALDO: E, mas comida custa dinheiro!

CÂM. 2 PROF. SORRI.

PROF.: É verdade. Comida custa dinheiro. E estamos sempre usando dinheiro para comprar as coisas de que precisamos...

CÂM. 3 CÂMARA MOSTRA CÉDU
LAS E MOEDAS

PROF.(OFF): ... cruzeiros, centavos! E garanto que vocês conhecem dinheiro tão bem como eu...

CÂM. 2 PROF., COM OTAVIANO
AO LADO.

PROF.: Ó Everaldo! Você, que falou em dinheiro, vem ajudar a dar a aula...

CÂM. 1 EVERALDO LEVANTA-SE
ALEGRE. OTAVIANO
SENTA.

EVERALDO: Sou ajudante do Professor...

CÂM. 2 PROF. AO EVERALDO

PROF.: Por isso mesmo, vamos conversar sobre dinheiro.

CÂM. 1 EVERALDO BATE NO BOLSO

EVERALDO: Está pra mim!
Hoje recebi o
meu salário'.

RISOS.

CÂM. 2 PROF., EM CLOSE, PARA A
AUDIÊNCIA

PROF.: Com o dinheiro do
salário ele compra
o que precisa.

TC FILME:

- . FEIRA
- . PADARIA
- . AÇOUGUE
- . MERCADO

PROF.(OFF): Na feira com-
pra legumes,
frutas... Na
padaria compra
pão, leite...
No açougue com
pra carne...
No mercado com
pra uma porção
de alimentos...

CÂM. 2 PROF., EM CLOSE, PARA A
AUDIÊNCIA

PROF.: E tem de pagar com
dinheiro...

CÂM. 3 NOTAS DE CRUZEIROS,
EMPILHADAS, MÃO TI-
RA E MOSTRA CÉDULAS

- 1 CRUZEIRO
- 5 CRUZEIROS
- 10 CRUZEIROS

PROF.(OFF): um cruzeiro
VOZES: um cruzeiro (ACORDE)
PROF.(OFF): cinco cruzei-
ros
VOZES: cinco cruzeiros
(ACORDE)
PROF.(OFF): dez cruzeiros
VOZES: dez cruzeiros
(ACORDE)

CÂM. 1 EVERALDO À AUDIÊNCIA

EVERALDO: Quem não conhece dinheiro?
Sem ele a gente não vive!

CÂM. 2 PROF. À AUDIÊNCIA, DEPOIS A EVERALDO

PROF.: Será que ele conhece mesmo? Vamos verificar...
Deixe ver dinheiro seu, Everaldo.

CÂM. 1 EVERALDO, SURPRESO

EVERALDO: Meu? Pra quê?

CÂM. 2 PROFESSOR, SÉRIO

PROF.: Para fazer uma troca, comigo...

CÂM. 1 EVERALDO TIRA NOTA DE 10 CRUZEIROS E MOSTRA. CÂMARA APROXIMA.

EVERALDO: Está aqui! Uma nota novinha, novinha...

CÂM. 2 PROFESSOR TIRA DO BOLSO UMA NOTA DE 1 CRUZEIRO E MOSTRA. CÂMARA APROXIMA.

PROF.: Eu lhe dou esta, em troca da sua...

CÂM. 1 EVERALDO SEGURA AS DUAS NOTAS. MOSTRA. CÂMARA APROXIMA.

EVERALDO: Ah! Essa não, que eu não sou bobo! A minha é de dez cruzeiros... A sua só vale um cruzeiro.

CÂM. 2 PROFESSOR.

PROF.: Está bem! Está bem! Quantas das minhas você quer

CÂM. 1 EVERALDO

em troca da sua?

EVERALDO: Dez! Uma de dez cruzeiros vale 10 de 1 cruzeiro.

CÂM. 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF.: É isso mesmo! Um cruzeiro é uma unidade. Dez cruzeiros formam uma dezena...

CÂM. 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF.: E vocês podem contar as notas de um cruzeiro, uma unidade de cada vez. Vamos contar?

CÂM. 3 MÃO VAI COLOCANDO NOTAS DE 1 CRUZEIRO ATÉ FORMAR GRUPO DE 10

PROF.(OFF): um cruzeiro.

VOZES: Um (ACORDE).

PROF.(OFF): Um cruzeiro mais um cruzeiro.

VOZES: dois (ACORDE)

PROF.(OFF): dois cruzeiros mais um.

VOZES: três (ACORDE)

PROF.(OFF): três cruzeiros mais um.

VOZES: quatro (ACORDE)

PROF.(OFF): quatro cruzeiros mais um.

VOZES: cinco (ACORDE)

PROF.(OFF): cinco cruzeiros
mais um.

VOZES: seis (ACORDE)

PROF.(OFF): seis cruzeiros
mais um.

VOZES: sete (ACORDE)

PROF.(OFF): sete cruzeiros
mais um.

VOZES: oito (ACORDE)

PROF.(OFF): oito cruzeiros
mais um.

VOZES: nove (ACORDE)

PROF.(OFF): nove cruzeiros
mais um.

VOZES:dez ACORDE)

CÂM. 1 EVERALDO MOSTRA CÉ
DULA DE 10 CRUZEI-
ROS.
CÂMARA APROXIMA.

EVERALDO: Agora sim! Eu troco
meus dez pelos seus
dez.

CÂM. 3 CÂMARA MOSTRA COLEÇÃO.
ABRE UM CÍRCULO O NÚ-
MERO 10.

PROF.(OFF): Aqui estão dez no-
tas de um cruzei-
ro. Dez unidades.
Dez!

VOZES: dez (ACORDE)

CÂM. 1 EVERALDO MOSTRA CÉ
DULA DE 10 CRUZEI-
ROS

EVERALDO: E aqui está uma nota
de 10 cruzeiros.
Vale o mesmo que dez
notas de 1 cruzeiro.

CÂM. 2 PROFESSOR EM CLOSE.
À AUDIÊNCIA

PROF.: Dez cruzeiros... uma
dezena de cruzeiros.

CÂM. 3 CÂMARA MOSTRA O Nº 10

CÂM. 1 EVERALDO MOSTRA MÃOS.
CÂMARA APROXIMA. SURGE
EM CÍRCULO 10.

CÂM. 2 PROF., EM CLOSE, À AU-
DIÊNCIA.

AO EVERALDO

CÂM. 3 MOSTRA PÁG. PAR DA AU-
LA 12

. APROXIMA PALAVRAS
OU SÍLABAS QUANDO
LIDAS

. APROXIMA AS NOTAS
E OS NºS

EVERALDO(OFF): uma dezena

VOZES: dez (ACORDE)

EVERALDO: Eu tenho dez de-
dos. Uma dezena
de dedos.

PROF.: Na aula Nº 12 do
Livro-caderno do
MOBRAL vocês vão en-
contrar dezena...
Abram o Livro-cader-
no na aula 12. Va-
mos ler e, depois,
escrever... Você,
também, Everaldo.

PROF.(OFF): Quem vai ler é
Amélia.

AMÉLIA(OFF): co...mi...da

VOZES: co...mi...da

AMÉLIA(OFF): comida

VOZES: comida

AMÉLIA(OFF): ca...co

VOZES: ca...co

AMÉLIA(OFF): cama

VOZES: cama

AMÉLIA(OFF): cocada

VOZES: cocada

AMÉLIA(OFF): macaco

VOZES: macaco

AMÉLIA(OFF): cuca

VOZES: cuca

AMÉLIA(OFF): Agora é o dinheiro. São três notas. A 1.^a é de um cruzeiro!

VOZES: um cruzeiro.

AMÉLIA(OFF): cinco cruzeiros.

VOZES: cinco cruzeiros.

AMÉLIA(OFF): dez cruzeiros.

VOZES: dez cruzeiros.

CÂM. 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF.: Muito bem! Leram corretamente. Agora, peguem os lápis para escrever.

CÂM. 3 MOSTRA

comida

PROF.(OFF): A palavra comida está escrita duas vezes. Primeiro, como aparece nos jornais e nos livros. Abaixo como vocês devem escrever.

comida

CÂM. 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF.: Vocês vão ver no quadro de vidro como se escreve a palavra comida.

CÂM. 3 QUADRO DE VIDRO MOSTRA LENTAMENTE

comida

SONOPLASTIA: VALSA

BAIXA SOM

CÂM. 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF.: Escrevam a palavra
comida.

CÂM. 3 QUADRO DE VIDRO REPETE

comida

SONOPLÁSTIA: VALSA

BAIXA SOM

CÂM. 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF.: Agora, vamos à fra-
se que o Otaviano
falou.

CÂM. 1 OTAVIANO, VAIDOSO

OTAVIANO: Mico é macaco.

CÂM. 3 MOSTRA

Mico é macaco...

Mico é macaco.

PROF.(OFF): Na 1.^a linha a
frase está es-
crita à manei-
ra dos jornais
e dos livros.
Na 2.^a linha, a
frase está es-
crita como vo-
cês devem es-
crever.

CÂMARA FOCALIZA UMA
LINHA DE CADA VEZ.

CÂM. 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF.: Vou mostrar a
vocês no qua-
dro de vidro
como se escre-
ve mico. A fra-
se começa com
letra maiúscu-
la. Vejam!

CÂM. 3 QUADRO DE VIDRO MOSTRA

Mico

SONOPLÁSTIA: VALSA

BAIXA SOM

CÂM. 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF.: Escrevam a palavra Mi-
co.

CÂM. 3 QUADRO DE VIDRO

Mico

SONOPLASTIA: VALSA

BAIXA SOM

CÂM. 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF.: Agora, a palavra é ...
muito fácil! Vejam co-
mo se escreve é, e es-
crevam também.

CÂM. 3 QUADRO DE VIDRO

é

PERMANECE IMAGEM

SONOPLASTIA: VALSA

BAIXA SOM

CÂM. 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF.: Vocês vão ver como se
escreve a palavra maca-
co.

CÂM. 3 QUADRO DE VIDRO

macaco

SONOPLASTIA: VALSA

BAIXA SOM

CÂM. 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF.: Escrevam a palavra maca-
co.

CÂM. 3 QUADRO DE VIDRO

macaco

SONOPLASTIA: VALSA

BAIXA SOM

CÂM. 2 PROF. EM CLOSE

PROF.: No fim da frase, colo-
quem o ponto.

CÂM. 1 IDALINA AO PROF.

IDALINA: Posso escrever o nú-
mero dez no quadro,
enquanto meus cole-
gas escrevem no li-

CÂM. 2 PROF. A IDALINA
À AUDIÊNCIA

CÂM. 3 MOSTRA IDALINA ESCRE
VENDO 10

CÂM. 2 PROF. A IDALINA

CÂM. 1 IDALINA EM CLOSE

CÂM. 2 PROFESSOR À AUDIÊNCIA

CÂM. 1 ENTRA CONTORA POPULAR,
TRAJADA DE BAIANA.

vro-caderno?

PROF.: Venha e escreva 10 no
quadro. Vocês também
vão escrever 10. E
duas vezes!

IDALINA: O número 10 é uma de
zena.

SONOPLASTIA: VALSA

PROF.: Parabéns, Idalina! Fi-
cou muito bonito o seu
número 10.

IDALINA: Eu já sabia escrever
o nº 1 e o nº zero.
Por isso, sei escre-
ver o dez.

PROF.: Aposto que vocês tam-
bém acharam fácil a es
crita. Estão aprenden-
do depressa. Merecem
uma visita muito espe-
cial, de alguém que
quer conhecer as TV-es-
colas do MOBREAL. Sabem
quem é (GESTO).

PALMAS, RISOS, EXCLAMA-
ÇÕES.

CANTORA: É isso aí, gente boa!
Falou em estudo e eu
logo fico entusiasma

CÂM. 2 PROF. À CANTORA

CÂM. 1 PASSA PELOS ROSTOS
ALEGRES DOS ALUNOS

CÂM. 2 CANTORA SORRIDENTE

CÂM. 1 AMÉLIA AGITADA, CÂ-
MARA PASSA PARA
EVERALDO

CÂM. 2 CANTORA SORRI.

CÂM. 1 ROSTOS ALEGRES E CHEIOS
DE EXPECTATIVAS

CÂM. 3 CANTORA.

mada!... Soube que
FULANO esteve aqui e
vim também.

PROF.: Não disse nada a eles
antes... Deixei a boa
surpresa acontecer!

OTAVIANO: Canta pra nós.

AMÉLIA: Posso dar um palpite?

CANTORA: Claro que pode!

AMÉLIA: Cante uma música que
fale em comida.

EVERALDO: Eu prefiro uma que
fale em dinheiro.

RISOS

CANTORA: Atendo os dois.
Vou cantar uma músi-
ca que fala em comi-
da e dinheiro.

PALMAS

CANTORA: Um samba de autoria
de Dorival Caymi
(ENTRA MÚSICA) -

CÂM. 3 CANTORA, SORRI,

CANTORA: Volto sim, logo que
tenha uma folga.
Prometo.

CÂM. 1 CÂMARA PERCORRE
ROSTOS DOS ALU-
NOS.
PARA EM OTAVIANO

OTAVIANO: Puxa! Ela cantou a
comida e o dinhei-
ro, igualzinho a
nossa aula.

PASSA PARA EVERALDO

EVERALDO: Igualzinho, mesmo,
não! A música fala
em dez mil réis...
Dez mil réis já
era'.

CÂM. 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF.: Everaldo tem razão.
Antigamente havia mil
réis. Era assim o nos
so dinheiro.

CÂM. 1 FOCALIZA EVERALDO

EVERALDO: Agora a baiana vai
ter de gastar cru-
zeiros, isto sim!

PASSA PARA UBIRAJARA

UBIRAJARA: Eu adorei'

RISOS

DEPOIS PARA IDALINA

IDALINA: E eu também. Tomara
que ela volte.

DEPOIS AMÉLIA

AMÉLIA: Tomara! Estudar
aqui é tão bom! A

gente aprende e se
diverte.

CÂM. 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF.: E deve ser assim. So-
mos um povo alegre
que ama a vida. Um
povo que enfrenta as
dificuldades sem desa-
nimar. E que sabe que
o Brasil está desen-
volvendo... progredin-
do...

CÂM. 3 FOCALIZA CONTORNO
DO BRASIL
DENTRO SURGEM:

PROF.(OFF): Um povo que tra-
balha em todo o
país, produzindo
alimentos...

TC FILME:

- . TRIGAL
- . CAFEZAL
- . BANANAL
- . AVIÁRIO
- . BOIADA
- . PEIXES

CÂM. 2 PROF. À AUDIÊNCIA

PROF.: ... leite, carne,
ovos que vêm dos ani-
mais.

CÂM. 3 PAINEL:

LEITE, CARNE, OVOS,
PÃES, XÍCARA, ALFACE,
LARANJA

... cereais, bebidas, legu-
mes, frutas, tirados das
plantas...

CÂM. 1 AMÉLIA, EM CLOSE

AMÉLIA: Eu gosto de castanha,
pitanga, pitomba, da

minha terra... lá no norte.

DEPOIS EVERALDO

EVERALDO: Eu prefiro caju e araçá, lá no nordeste...

DEPOIS OTAVIANO

OTAVIANO: E eu a uva! Na minha terra, lá no Sul, colhemos tanta uva! Com ela se faz o vinho...

CÂM. 2 PROFESSOR À AUDIÊNCIA

PROF.: É isto mesmo! Cada região do Brasil tem frutos diferentes, saborosos e úteis a nossa alimentação. Não apenas frutos, mas uma quantidade enorme de outros alimentos que vocês conhecem.

CÂM. 1 MOSTRA CLASSE
ROSTOS RISONHOS,
FELIZES

PROF.(OFF): Reúnam-se e contem uns aos outros as comidas gostosas que há na terra em que nasceram. Quem sabe se podem ensinar umas receitas daquelas que a Baiana nos trouxe hoje...
E não se esqueçam de me convidar, também quando os

quitutes estive-
rem prontos...

IV - ENCERRAMENTO GERAL DA SÉRIE

Reproduzido do script original entregue ao MOBRAL em agosto
de 1977.

Nome: Sr. Marcos Margulies

Assunto: PROJETO PARA PRODUÇÃO DO PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO FUNCIONAL VIA TV, PROPOSTO PELO Sr. MARCOS MARGULIES

4 - PROJETO PARA PRODUÇÃO DO PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO FUNCIONAL VIA TV, PROPOSTO PELO Sr. MARCOS MARGULIES

Este projeto tem por objetivo a produção de um programa de alfabetização funcional via TV, proposto pelo Sr. Marcos Margulies. O programa será produzido e transmitido pela Rede Nacional de TV, com o intuito de alcançar o maior número de pessoas em situação de analfabetismo funcional. O projeto prevê a elaboração de um roteiro detalhado, a contratação de profissionais qualificados para a produção e a transmissão do programa, e a realização de testes piloto em algumas regiões para avaliar a eficácia do método proposto.

O projeto é considerado prioritário devido à importância da alfabetização funcional para o desenvolvimento econômico e social do Brasil. A proposta do Sr. Marcos Margulies apresenta um método inovador e eficaz para a alfabetização de adultos, que pode ser replicado em outras regiões do país. A aprovação deste projeto permitirá a implementação de um programa de alfabetização funcional via TV, que poderá beneficiar milhares de pessoas em situação de analfabetismo funcional.

Para: Exmo. Sr. Arlindo Lopes Corrêa, Presidente do MOBRAL.
Do: Marcos Margulies

PROJETO DO PROGRAMA DE TELEVISÃO DE ALFABETIZAÇÃO DE GRUPOS POPULACIONAIS URBANOS E CULTURALMENTE MARGINALIZADOS (como operários não-qualificados e empregadas domésticas, entre outros).

No dia 29 de setembro p.p. tive o primeiro contato com o Sr. Presidente do MOBRAL e um grupo de seus assessores e funcionários. Com base às informações então recebidas, apresentei ao Sr. Presidente do MOBRAL um anteprojeto relacionado com o programa de televisão epigrafado. A partir deste anteprojeto, cujas linhas gerais foram então aceitas, surgiu este projeto, ora entregue a quem de direito.

1. CARACTERÍSTICAS GERAIS DO PROGRAMA

Trata-se de uma série de programas diários, de 20 minutos de duração cada, a serem transmitidos em escala nacional pela TV-E entre os dias 1 de agosto e 31 de dezembro de 1978, com exceção de domingos e de certos feriados, num conjunto de 90 capítulos-aulas, cuja finalidade precípua será a de alfabetizar os grupos populacionais definidos a seguir.

2. CARACTERÍSTICAS DO PÚBLICO VISADO

2.1. A clientela a ser atingida pelo programa situa-se majoritariamente entre empregadas domésticas e operários de construção civil. Outros grupos visados (reclusos, biscateiros etc.) não foram considerados na análise que segue por serem numérica e socialmente menos importantes.

2.2. A análise em profundidade do público visado é fundamental para a determinação da forma e da linguagem do programa, dentro das suas finalidades educacionais. Não dispondo de dados estatísticos fidedignos, parto das informações colhidas aleatoriamente nas agências de empregadas domésticas, onde mantive alguns breves contatos diretos com as empregadas e com as gerentes das agências.

Concluo que as empregadas domésticas são, em sua maioria, oriundas - no Rio de Janeiro pelo menos - dos Estados nordestinos (principalmente da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Ceará), bem como do nordeste de Minas Gerais e do Espírito Santo; que quase todas, mesmo que nascessem nas áreas rurais, chegam ao Rio diretamente das áreas urbanas; que praticamente todas têm ambições profissionais e sociais claramente definidas: pretendem constituir família e querem seguir uma profissão, sendo as de professora e costureira as mais almejadas; que uma parcela bastante substancial tem plena consciência da importância do saber e da instrução, muitas delas estudando ou pretendendo estudar nas escolas ou cursos especializados, em geral noturnos ou por correspondência.

2.3. Os operários não-qualificados da construção civil (estes abordados, também aleatoriamente, no canteiro de obras do metrô na rua Muniz Barreto) revelaram a mesma origem e aspirações praticamente idênticas, apenas na área profissional escolhem preferencialmente a vontade de serem motoristas (com a aspiração ulterior de adquirir um caminhão).

2.4. Seria de grande utilidade organizar uma pesquisa em profundidade dos segmentos populacionais visados pelo programa. Tal pesquisa poderá fornecer preciosos subsídios para os criadores e realizadores do programa, tanto no nível educacional de alfabetização propriamente dita, quanto no

nível de execução em termos de linguagem e forma escolhidas.

2.5. É preciso, ainda, tomar em consideração dois fatores importantes, a saber: a eventual reação, diante de tal programa, das donas-de-casa com relação às suas empregadas, e das empresas de construção com relação aos seus operários.

2.5.1. No tocante às relações "patroas"-empregadas, a revista "Veja" (nº 476 do dia 19 de outubro) revela, na seção "Televisão", toda a profundidade de atitude preconceitual e de despreço que ainda existe, mais enraizada do que seria lícito supor, entre as donas-de-casa no seu relacionamento com as empregadas. Assim, ao elaborar o programa, será necessário, a meu ver, criar um ambiente tematicamente propício para conquistar a simpatia e o interesse das próprias "patroas", sem cuja permissão as empregadas não terão sequer acesso aos receptores de TV.

Por outro lado, a campanha promocional que antecederá ao lançamento deverá tomar em consideração esse item, para dirigir-se também - e talvez até primordialmente - às donas-de-casa.

2.5.2. No tocante às relações empresas-operários, as dificuldades parecem ser menores. Assim pelo menos permite julgar a notícia publicada pelo "Jornal do Brasil" do dia 21 de outubro, que revela o plano de instalar, nos canteiros de obras, vários aparelhos receptores de TV. Esta iniciativa de algumas empresas de construção visa facilitar o recrutamento e aumentar a fidelidade empregatícia dos trabalhadores. Parece-me que, no momento adequado, o próprio MOBREAL poderia incentivar as empresas construtoras para disseminar ao máximo a presença de receptores de TV nas obras. Apenas marginalmente, porquanto este aspecto do problema não é atinente ao projeto propriamente dito,

permitem-me salientar a variedade de incentivos possíveis: o MOBRAF poderia facilitar a aquisição de receptores pelas empresas, desde que em quantidade elevada; poderia orientar a instalação mais adequada para o uso grupal; poderia se encarregar, através de convênios com as firmas fornecedoras, de manutenção; poderia publicar um boletim de programação para canalizar os espectadores de acordo com o interesse educacional e cultural; poderia, periodicamente pelo menos, manter a presença dos monitores especializados nos lugares da audiência grupal. Enfim, algumas idéias lançadas quase que a esmo, para a sua apreciação.

3. ANÁLISE DAS POSSÍVEIS FORMAS DO PROGRAMA

Parece-me existirem três fórmulas básicas para a estruturação do programa, ora apresentado, a saber:

- a) a fórmula de telenovela em 90 minutos;
- b) a fórmula de histórias autônomas, dramaticamente não interligadas; e
- c) a fórmula documentária.

Analisaremos as vantagens e desvantagens de cada fórmula sob os seguintes enfoques: a infra-estrutura disponível; a reação provável da clientela a ser atingida; a absorvibilidade hipotética da mensagem educacional dentro de cada fórmula.

3.1. Análise da fórmula de telenovela

Indiscutivelmente, a fórmula de telenovela conquistou os telespectadores e, principalmente, as mulheres. Contudo, trata-se de uma conquista aparente, na medida em que o sucesso das telenovelas limita-se, pelo menos por ora, à TV-Globo. As novelas produzidas pela TV-Tupi, por exemplo,

atingem percentagens ínfimas do IBOPE e a sua ressonância é praticamente nula. Uma telenovela (de caráter didático, aliás) produzida pela TV-E tampouco conseguiu impor-se entre os telespectadores em potencial. Déduz-se daí que não é o gênero como tal mas, antes de mais nada, a qualidade alcançada das obras realizadas dentro do esquema do gênero, que levam ao sucesso popular.

As causas desta situação são extremamente simples: a TV-Globo conseguiu atingir um padrão técnico e artístico que nenhuma outra emissora soube, até agora, sequer igualar. Por outro lado, a estória, além de ser escrita por autores especializados do mais alto gabarito, é submetida, no decorrer da programação, a constantes testes que medem e quantificam a eventual flutuação das reações do público com relação ao desenvolvimento da linha dramática e dos personagens. Em consequência, a idéia original é passível de modificações com o fito de manter no mais elevado nível quantitativo os telespectadores. É um trabalho verdadeiramente científico, onde a arte e o drama acabam sendo submetidos à estatística que semanalmente revela as alterações das simpatias do público. Além deste fator que a TV-Globo aplica para manter a audiência elevada e estável, é preciso citar ainda a disponibilidade constante dos mais caros e populares atores, contratados com exclusividade e pagos mesmo nos períodos em que não atuam artisticamente. Finalmente, a empresa Som-Livre, de prensagem de discos e pertencente ao mesmo grupo empresarial, ocupa um lugar de destaque na engrenagem publicitária que lança e acompanha toda a telenovela até o último capítulo.

Não me parece dispormos de autores que consigam, num prazo dos mais exíguos, fornecer uma estória dramaticamente válida para 90 capítulos.

Não me parece dispormos - mesmo que existisse tal autor - de

uma máquina de pesquisa controladora de flutuações da opinião pública para, em consequência, proceder às alterações estrutural e dramaticamente necessárias.

Não existe na praça nenhum diretor de telenovelas disponível que possa garantir o nível artístico já atingido pela TV-Globo; tampouco disporíamos de uma estrutura que assegurasse o nível técnico, igualmente atingido pela TV-Globo.

Difícilmente disporíamos de meios financeiros para contratar um elenco suficientemente popular e de elevada qualidade - condição sine qua non de qualquer sucesso na área de telenovelas; porém, mesmo que dispuséssemos de tais verbas, seria altamente improvável conseguir tirar da TV-Globo (ou mesmo dos demais canais) os atores contratados para prazos muito mais dilatados.

É altamente difícil inserir mensagens didáticas numa estória concebida dentro de uma linearidade dramática. Não creio que exista um autor sequer capaz de fazê-lo, como não me parece existir um pedagogo especializado que saiba escrever uma novela de TV, considerando todas as peculiaridades de estrutura e linguagem. Mesmo que este ponto não representasse qualquer obstáculo sério, o sucesso de uma mensagem didática e a sua consequente aceitação pelo público visado dependeriam, obviamente, do êxito da própria novela, o qual - como acabo de expor - é muito duvidoso dentro das condições flagrantemente impróprias, porque desprovidas de infra-estrutura técnica e humana. Por conseguinte, descarto, de antemão, a opção de fórmula baseada em telenovela.

3.2. Análise da fórmula de estórias autônomas

A programação diária de estórias dramaticamente autônomas parece-me, desde já, extremamente perigosa. Primeiro, por

falta de hábito. Segundo, por inexistência de concatenação temática que levasse, automaticamente, os espectadores da peça A a assistirem a peça B no dia seguinte. Contudo, além destes dois problemas, existem ainda alguns outros pontos que devem ser analisados, a saber:

Por falta de ligação dramática entre os capítulos, a qualidade estrutural teria que ser muito mais elevada do que ocorre numa novela, onde o eventual interesse pela evolução da trama supre as hipotéticas falhas da estrutura. Ora, é impossível encontrar um autor que disponha de 90 novelas breves ou que, em sã consciência, se disponha a fornecê-las num prazo curtíssimo e dentro do nível exigido. Em havendo várias fontes autorais, as peças apresentarão variedades que provavelmente requererão a atuação de diversos diretores e atores, criando-se, assim, mais uma dificuldade. Adicione-se a isto a diversificação de cenários e a quantidade de intérpretes, para, sem maiores delongas, decidir pela antecipada rejeição desta opção.

3.3. Análise da fórmula documentária

A principal desvantagem desta opção está na sua denominação: o termo documentário identifica-se - a partir da tradição cinematográfica que já vai longe - com Jean Manzon, com Primo Carbonari, com filmes desinteressantes, geralmente encontrando propaganda disfarçada e carentes de valor artístico. A quebra desta estereotipia ocorreu apenas entre os grupos culturalmente elitistas, que conhecem a real potencialidade documentária, quer através das obras estrangeiras, quer através dos esforços de cineastas nacionais, cada vez mais presentes, principalmente a partir do advento do Super-8. Por seu lado, a televisão colaborou, embora talvez incoscientemente, para reduzir a amplitude desse preconceito popular enraizado: os programas como "O Mundo em Guerra" e "O Globo Repórter", embora essencialmente

documentários, conseguiram (e, no caso de "O Globo Repórter", conseguem semanalmente) uma façanha aparentemente impossível: a sua audiência ultrapassou, muitas vezes, a dos programas ditos populares, inclusive, em alguns casos, a das telenovelas. Como se explica, então, este fenômeno? Parece-me que, de tempos para cá, brotou no Brasil uma incontida busca do saber, que se aprofunda. Demonstra-o não apenas a sextuplicação - em apenas dez anos - da população universitária, mas, também, a proliferação de toda sorte de cursos, cursinhos, escolas de tipos variados e - porque não mencioná-lo? - o extraordinário sucesso dos fascículos semanais de caráter cultural que, na época, ultrapassou não apenas as expectativas da Editora Abril, pioneira neste setor, mas até mesmo os níveis atingidos nos países europeus (embora as tiragens dos jornais, livros e revistas sejam em geral muito mais elevadas na Europa do que no Brasil). Assim, um programa que divulgue o saber parece-me altamente recomendável, principalmente para o segmento populacional carente deste saber e já consciente do seu valor quase que pragmático. Ora, se as empregadas domésticas e os operários não-qualificados abandonam as áreas que permanecem marginalizadas com relação aos grandes centros urbanos, afluindo às Capitais, é por procurarem as oportunidades de ascensão social que lhes são quase que naturalmente negadas no Interior. A profunda consciência da necessidade de se profissionalizarem corrobora mais ainda esta asserção.

Contudo, a hipótese de programas algo ligado ao "saber" utilizando-se de um veículo aparentemente impróprio para tal finalidade, como, segundo os estereótipos, parece ser a televisão, gera uma elevada dose de desconfiança. O "saber" - na televisão ou fora dela - identifica-se, muitas vezes, com atitudes impositivas das fontes desse saber, com o dedo em riste, com a cultura inútil, com a formulação esotérica, com a linguagem (no sentido amplo) incompatível com a TV, e com o linguajar (no sentido linguístico) inacessível para o

povo. Assim, à sede - genuína e profunda - do saber, interpõe-se o preconceito gerado pelo saber intelectualizado e elitista.

Nada mais difícil do que lutar contra os preconceitos; mas nada mais sensato do que corresponder às necessidades reais dos homens reais. Assim, é preciso dar o saber desejado a quem dele depende em sua evolução individual. Mas é preciso fornecer este saber dentro do âmbito de interesses peculiares aos grupos que dele precisam, utilizando-se da linguagem que, sendo própria à TV, será também bastante popular para ser acolhida e absorvida pelo telespectador médio. O problema consiste em elaborar o modus faciendi. Eis, neste sentido, o meu raciocínio:

A empregada doméstica é uma pessoa que, indiscutivelmente, idealiza a realidade dentro da qual se enquadra (cidade grande, classe média), mas que, por outro lado, é dotada de agudo senso prático. A própria necessidade sobrevivencial obriga-a a isso. Assim, ela demonstra profundo interesse pelos problemas como

- * dinheiro / salário / preços
- * instituto (no caso, o INPS) / aposentadoria
- * saúde / hospital / remédios / farmácia
- * feira / compras / alimentos
- * beleza / maquiagem / roupas / namoro
- * casamento / família / filhos

e vários outros ainda. Uma pesquisa facilmente completará a lista dos interesses temáticos que ocorrem entre as empregadas domésticas. O mesmo diz respeito aos operários em construção. Ao mesmo tempo, estes temas poderão fornecer a base vocabular para selecionar as palavras geradoras para fins de alfabetização metodologicamente aceita pelo MOBREAL.

Todos esses problemas são diários e reais. Fazem parte do

mundo não só das empregadas domésticas, mas até das suas "patroas". Contudo, raras são as empregadas (ou mesmo as suas "patroas") que conhecem o verdadeiro funcionamento dos fenômenos que as interessam e de certo modo envolvem. Partindo da premissa que elas querem saber e que têm a crescente consciência de precisarem saber, o problema consiste agora em elaborar a forma de lhes apresentar de maneira interessante e acessível este saber desejado.

Faz parte da natureza humana a busca do status, a necessidade de participar e a possibilidade de aparecer. Mais difícil for esta busca e mais limitada for essa possibilidade, maior será a frustração do grupo socialmente marginalizado e dos indivíduos que dele fazem parte. O grupo de empregadas domésticas e de operários não-qualificados pertence, indubitavelmente, aos segmentos populacionais que mais carecem de status e que dispõem de menores probabilidades para conquistar a ascensão social. Desta frustração, que gera uma insatisfação praticamente perene, é que surgem conflitos tanto nos canteiros de obras, quanto (no caso de empregadas domésticas) no seio das famílias, muitas vezes desagregando a estabilidade de convivência cotidiana no sentido mais amplo.

A nossa sugestão é esta: através do programa, dar à nossa clientela em potencial senão o status com que ela sonha, pelo menos a ilusão desse status, com a possibilidade de alcançá-lo graças ao cultivo do saber adquirido. Assim, o programa não será feito apenas para as empregadas ou operários; ele será feito com a sua participação e, diria até, pelas empregadas e pelos operários. Além dos depoimentos colhidos ao vivo e depois selecionados e montados (muitas vezes com os contra-pontos), haverá também mesas redondas, entrevistas, perguntas, dúvidas - enfim, a presença em carne e osso das pessoas que, uma vez encontrando-se nas telas de TV do país inteiro, poderão

adquirir confiança senão na sua classe - julgada por elas mesmas como estágio apenas passageiro em suas vidas - pelo menos em si próprias como pessoas potencialmente válidas e valiosas como seres humanos.

Exemplificando: se fizermos um programa sobre as feiras, mostraremos não somente a feira em sua fase final, mas a profissão do feirante com as dificuldades a ela inerentes, o problema do armazenamento das mercadorias perecíveis, do seu transporte, dos riscos e - porque não? - da produção agrícola, do cinturão verde paulistano, das cooperativas, das colheitas. Assim, serão as próprias empregadas que, colocadas defronte dos feirantes, poderão debater com eles o que as aflige, e que irão descobrindo todo o encadeamento dos problemas, ao invés de receber, de cima, uma verdade posta na bandeja, ou seja, imposta.

Cada programa ligar-se-á com um seguinte através do problema final que nele será exposto, mas não desenvolvido nem resolvido. Por exemplo: num programa sobre as feiras poderemos mencionar, no fim, a questão de preços, de inflação, anunciando o próximo programa, dedicado por sua vez a esse tema. Daí os programas poderão concatenar-se com outros temas, como: "poupança / crédito / casa própria" e, depois, com "segurança / INPS / aposentadoria" etc etc.

A mistura da realidade analisada francamente com as informações de base apresentadas como descoberta resultando da atuação das próprias empregadas presentes num determinado programa, a forma acessível e aberta (correspondente à linha de "O povo fala"), mas entremeada com trechos ilustrativos e pitorescos, dentro de um ritmo vivaz, eis os elementos que permitirão incorporar ao programa os ensinamentos de alfabetização, tornada fator básico do mundo real, apresentado num determinado programa. Assim, não teremos enxertos escolares nem aulas. A presença da palavra geradora

estará dentro da essência humana e dramática de cada programa.

Evidentemente, estas palavras geradoras deverão seguir o cotidiano da empregada doméstica ou do operário, dentro das suas características; deverão tomar em consideração a sua "urbanicidade", suas aspirações, sua curiosidade. E deverão coadunar-se com a possibilidade não apenas de pictorização - elemento essencial na TV - mas também da sua dramatização realisticamente humana, peculiar à linguagem documentária.

Tomar-se-á em conta o grau de variáveis ambientais de significação, o repertório de associação resultante e, também, a pronunciabilidade, a familiaridade e outros aspectos das palavras escolhidas como geradoras.

Quais são as vantagens desta opção? Em primeiro lugar, a eliminação do julgamento subjetivo da mensagem alfabetizadora, aceita como parte de uma ação fictícia (o que aconteceria no caso das opções anteriores). Ora, esta ação fictícia poderia provocar reações imprevisíveis e arrastar consigo o alvo-mór: a tática de alfabetização e, porque não dizê-lo, de conscientização social. Num programa documentário tal fenômeno não pode ocorrer, porquanto os problemas são sempre objetivos, enquanto as opiniões, mesmo que subjetivas, serão da responsabilidade de quem as emitir, o programa sendo delas desvinculado. Assim, a mensagem educacional nunca ficará prejudicada por um eventual desacordo do telespectador com relação a uma opinião emitida por terceiros.

Não serão necessários elementos humanos de disponibilidade difícil e de custos altos, como autores dramáticos especializados e atores famosos. Entre intérpretes, precisaremos apenas de um(a) locutor(a); de uma atriz tipo dona-de-casa (eventualmente menos conhecida, mas fisicamente convincente e atraente) para conduzir entrevistas, e uma

outra (dentro do mesmo tipo, amorenada, se for possível) para coordenar as mesas redondas. Tampouco haverá gastos com cenografia. As instalações de TV serão usadas na fase de gravação, somente para as mesas redondas, utilizando-se a filmagem em 16 mm, mais maleável em termos de deslocamento, nos demais casos. Todos os trabalhos de transcrição para o VT e de edição serão realizados na TV-E. A incorporação de uma equipe cinematográfica decorre também da necessidade de viagens, porque não se pode conceber um programa deste tipo, a ser exibido em escala nacional, confinado apenas à cidade do Rio de Janeiro.

Ao sugerir a fórmula documentária, tenho consciência da necessidade de realizar um programa-piloto que permita, além da argumentação vocabular, aqui desenvolvida, a apreciação da estrutura, forma, linguagem e força da mensagem educacional da série proposta dentro deste enfoque.

4. AS PALAVRAS GERADORAS

Já foi mencionado acima, mas é preciso repetir à parte, por se tratar do elemento fundamental do programa, que as palavras geradoras devem corresponder a:

- a) peculiaridade do veículo; assim sendo, elas não de ser pictorizáveis e tematicamente abrangentes;
- b) curiosidade vivencial e interesse pragmático do universo que pretendemos atingir em termos do sexo, idade média, metas individuais e grupais, áreas habitadas etc.;
- c) possibilidade de dramatização através de debates que possam suscitar e de informações amplas que possam gerar.

As palavras geradoras, portanto, devem ser elaboradas não apenas dentro da visão educacional no sentido de

alfabetização, mas também dentro do enfoque estrutural peculiar ao veículo, para que os 90 programas possam fluir estimulando a permanência ativa da audiência almejada.

5. A EQUIPE

Partindo da premissa de que a terceira fórmula venha a ser aceita, eis a sugestão da composição da equipe que realizará o programa, por funções:

5.1. Núcleo de criação e produção

- 5.1.01. Roteirista
- 5.1.02. Redator auxiliar
- 5.1.03. DIRETOR DO PROGRAMA
- 5.1.04. Assistente do diretor
- 5.1.05. Assistente do diretor
- 5.1.06. Entrevistadora
- 5.1.07. Coordenadora de mesas redondas
- 5.1.08. Locutor(a)
- 5.1.09. DIRETOR DE PRODUÇÃO
- 5.1.10. Assistente de produção
- 5.1.11. Assistente de produção

5.2. Núcleo de execução cinematográfica

- 5.2.01. Cinegrafista
- 5.2.02. Auxiliar de cinegrafista
- 5.2.03. Iluminador
- 5.2.04. Operador de som
- 5.2.05. Editor
- 5.2.06. Montador

(No caso de deslocamentos, os elementos 5.2.01. a 5.2.04. terão que ser duplicados)

5.3. Núcleo de execução de TV

- 5.3.01. Câmaraman
- 5.3.02. Câmaraman
- 5.3.03. Iluminador
- 5.3.04. Auxiliar de iluminador
- 5.3.05. Sonoplasta
- 5.3.06. Operador de microfone
- 5.3.07. Diretor de estúdio
- 5.3.08. Contra-regra
- 5.3.09. Maquinista
- 5.3.10. Continuista

5.4. Núcleo de execução em VT

- 5.4.01. Editor
 - 5.4.02. Cortador
- e os demais técnicos indispensáveis para o funcionamento de VT.

5.5. Núcleo de embasamento pedagógico

Elementos a serem determinados pelo MOBRAL, incluindo-se a pesquisa.

5.6. Coordenação

- 5.6.01. COORDENADOR
- 5.6.02. Secretária
- 5.6.03. Secretária auxiliar
- 5.6.04. Mensageiro
- 5.6.05. Motorista

Os elementos 5.6.02. a 5.6.05 ficarão também à disposição do núcleo 5.1. e, mais precipuamente, à disposição do Diretor do programa.

Analisarei agora a estrutura da equipe:

O centro do esquema é constituído pelo Núcleo de criação e produção 5.1., formado por elementos autônomos, contratados, por indicação do Diretor do programa e do Coordenador, diretamente pelo MOBREAL. Este núcleo divide-se em dois setores - um, dependente do Diretor do programa, responsável pela série; outro, dependente do Diretor de produção, responsável pelo cumprimento do cronograma.

O Diretor do programa é assistido criativamente pelos elementos 5.1.01. e 5.1.02.; executivamente pelos elementos 5.1.04 e 5.1.05; artisticamente pelos elementos 5.1.06 a 5.1.08 e administrativamente pelos elementos 5.6.02 a 5.6.05. O Núcleo 5.5 dá-lhe a assistência pedagógica. Cabe-lhe a direção dos Núcleos 5.2 e 5.3 enquanto o diretor de produção (5.1.09) está a sua disposição para o cumprimento das exigências previstas na roteirização.

Segundo os entendimentos verbais até agora havidos, entendo que me caberá o cargo e a função do Diretor do programa.

Os Núcleos 5.3 e 5.4 serão preferencialmente formados pelos elementos da TV-E, partindo-se da premissa de que realizaremos a série com esta emissora. Isto representa diversas vantagens, a saber: disporemos de elementos profissionais que já conhecem e manipulam adequadamente a infra-estrutura e o instrumental da emissora; diminuiremos os custos, porquanto estes profissionais já estão sendo pagos pela TV-E, sendo de se prever que com razoável complementação motivadora poderemos conseguir a esperada dedicação profissional.

O Núcleo 5.3 obedecerá às ordens diretas do Diretor do programa ou de um dos seus assistentes; o Núcleo 5.4 seguirá as diretrizes executórias do Diretor do Programa, trabalhando,

porém, sob a responsabilidade de quem for indicado pela própria TV-E.

O Núcleo 5.2. também será preferencialmente formado pelos técnicos da TV-E. Contudo, por se tratar de um grupo que deverá se deslocar freqüentemente e que, portanto, será profissionalmente duplicado, é preciso contar com a necessidade de ser reforçado pelos profissionais autônomos.

Caberá ao Coordenador a manutenção de harmonia entre os três elos do esquema operacional, ao qual é dedicado o item seguinte, com a supervisão geral das obrigações, a serem estabelecidas detalhadamente, por função, na elaboração dos contratos que resultarem da aceitação deste projeto.

6. A ESTRUTURA OPERACIONAL

A estrutura operacional seguirá o modelo que pode ser descrito de maneira sucinta em três frases:

6.1. De um lado, o MOBRAL como CENTRO GERADOR, baseado no trinômio: idéia/alvo/custeio.

6.2. Do outro lado, a TV-E como CENTRO EXECUTOR, baseado no trinômio: homens/instrumental/tempo.

6.3. Entre eles, o Núcleo 5.1. como CENTRO CRIATIVO E PRODUTOR, baseado no trinômio: criação/metodologia/produção. A este centro cabe a manutenção do equilíbrio operacional entre a responsabilidade (perante o MOBRAL) e a autoridade (perante a TV-E).

Como elemento coordenador destes três centros permito-me sugerir a pessoa do Sr. Antônio Faya, que a sua Função de assessor do MOBRAL une o seu domínio profissional do funcionamento de uma emissora, com conhecimentos de elementos de produção de um programa.

Eis a apresentação gráfica do modelo sugerido:

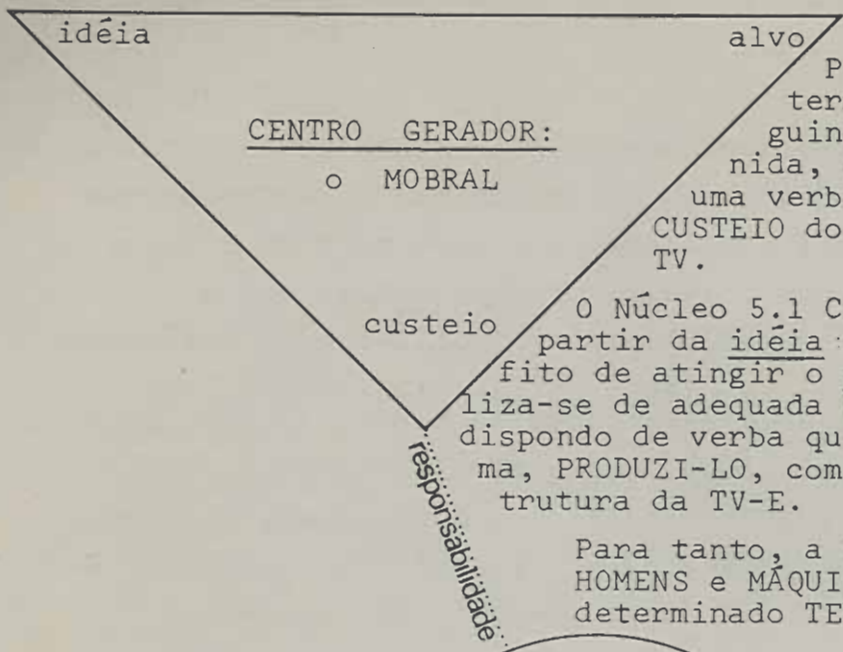
(segundo a hipótese descrita acima), assim mesmo não disporíamos do tempo suficiente para começar a série a 1 de agosto. Vejo nesta série uma importância tão grande para a futura evolução da nossa televisão e, por outro lado, para a ampliação da atuação do MOBREAL, que preferiria reduzir ao máximo os riscos de antemão previsíveis.

Vejo duas soluções: a primeira levaria à diminuição da quantidade programas (a uns cinquenta, se quiséssemos manter a data do dia 1 de agosto); a segunda levaria à dilatação do prazo para o início da série em termos de programação (para 1 de março de 1979, se quiséssemos manter os 90 capítulos). Não considero, de propósito, a opção de reduzir o tempo de duração de cada capítulo. Se o reduzíssemos de 20 para 10 minutos, teríamos um programa por demais curto, para que ele pudesse suscitar o interesse diário dos telespectadores, e tão breve que dificilmente permitiria a necessária apresentação temático e a transmissão de mensagem alfabetizadora. Por outro lado, porém, em havendo 90 temas diferentes, em pouco seria afetada a estrutura organizacional de criação, pesquisa, deslocamentos e produção em si.

Embora não me caiba a solução do dilema apresentado, julgo importante levá-lo ao conhecimento dos responsáveis.

8. O CUSTO

Os custos foram elaborados por programa, na base dos núcleos (ver item 6). Foram tomados em consideração os preços e/ou salários vigentes no momento, sem quaisquer previsões de eventuais alterações futuras, decorrentes da inflação.



Para atingir um determinado ALVO, seguindo uma IDÉIA definida, o MOBRAL dispõe de uma verba destinada ao CUSTEIO do seu programa de TV.

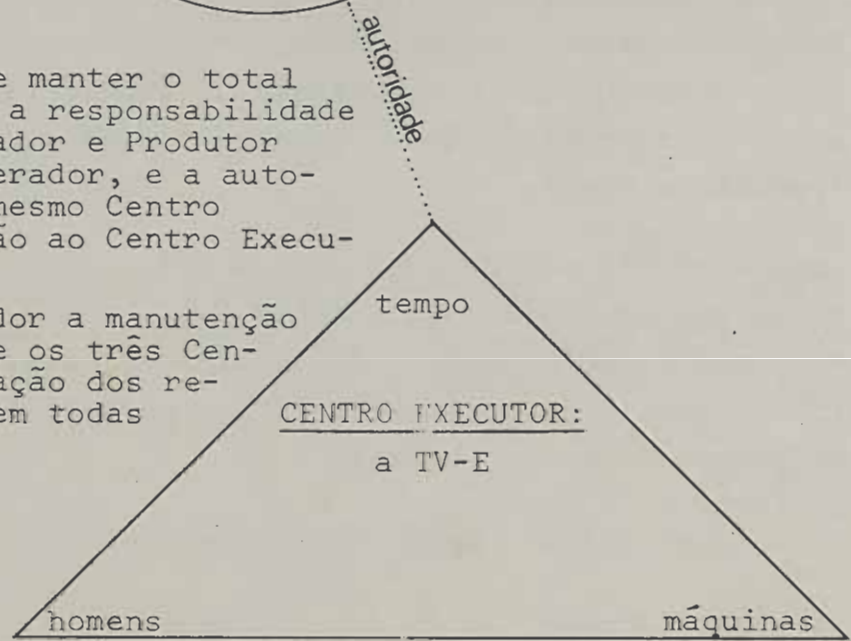
O Núcleo 5.1 CRIA o programa a partir da idéia do MOBRAL e, com o fito de atingir o alvo-público, utiliza-se de adequada METODOLOGIA para, dispondo de verba que custeia o programa, PRODUZI-LO, com base a infra-estrutura da TV-E.

Para tanto, a TV-E fornece HOMENS e MÁQUINAS dentro de um determinado TEMPO.



O modelo pretende manter o total equilíbrio entre a responsabilidade que o Centro Criador e Produtor deve ao Centro Gerador, e a autoridade que este mesmo Centro exerce com relação ao Centro Executor (TV-E).

Cabe ao Coordenador a manutenção de harmonia entre os três Centros e a verificação dos resultados finais em todas as suas fases.



7. O CRONOGRAMA

Parto da premissa que me foi verbalmente transmitida quando da apresentação do anteprojeto (aliás, erroneamente calculado para 77 programas): o início da programação deverá ocorrer no dia 1 de agosto de 1978.

Hipótese: durante o mês de novembro, aceito o projeto pelo MOBRAL, serão contratados os profissionais indicados pelo Diretor do programa e pelo Coordenador; formados os núcleos; assinado o convênio entre o MOBRAL e a TV-E; elaboradas as palavras geradoras para 90 programas; redigidos, mesmo que linearmente, os 90 roteiros; organizado o cronograma de produções, as viagens inclusive; e produzido o filme-piloto. É uma hipótese bastante inviável. Contudo — apenas para a argumentação ulterior — se fosse exequível, poderíamos começar a produção de programas a partir do dia 1 de dezembro.

Entre o dia 1 de dezembro de 1977 e o 1 de agosto de 1978 teremos 200 dias úteis (e 243 dias corridos). Calculando como tempo mínimo, mas perfeitamente razoável, de realizar um programa documentário de 20 minutos em cinco dias, poderemos dispor, a 1 de agosto de 1978, de 40 programas. Ora, isto corresponde exatamente à metade de programas necessários para iniciar a série, já que os 10 programas restantes poderiam ser produzidos durante os 90 dias nos quais a série já estaria no ar.

Parece-me evidente que o período de um mês (novembro) não é suficiente para elaborar o planejamento administrativo, cronográfico, pedagógico, criativo e de produção. Na minha opinião, o planejamento é a mola mestra de qualquer empreendimento. Temeria pela sorte do empreendimento, se do planejamento não emanasse a segurança absoluta. Por outro lado, mesmo que um mês desse para aprontar o planejamento

Núcleo 5.1. (autônomo)

| | | |
|----------------------------|----------------|----------------|
| 5.1.03. | 12.000, | |
| 5.1.09. | 8.000, | |
| 5.1.01. | 2.500, | |
| 5.1.02. | 1.500, | |
| 5.1.03. & 04 a Cr\$ 3.000, | 6.000, | |
| 5.1.06. a 08 a Cr\$ 3.500, | <u>10.500,</u> | <u>40.500,</u> |

Núcleos 5.2. & 5.3. & 5.4. (da TV-E)

Remuneração, por programa, entre Cr\$ 1.000, e Cr\$ 2.000, por profissional, inclusive os elementos 5.1.10. e 5.1.11., num total de 39.000,

Núcleo 5.5. (MOBRAL)

Basicamente gratuito. Contudo, talvez seja prudente prever um elemento de pesquisa de fora e um elemento profissional (pedagoga diplomada), para participar "full time" dos trabalhos da equipe. Neste caso, proponho, como reserva, a Cr\$ 2.500, por programa, o total de Cr\$ 5.000,

Núcleo 5.6.

5.6.01. 12.000,
Os demais elementos, talvez possam ser emprestados pelo MOBRAL. Neste caso teremos aqui o total de Cr\$ 12.000,

Elementos materiais por núcleo:

Núcleo 5.2.:

custo do uso do equipamento cinematográfico é aproximadamente calculado em Cr\$ 15.000, o material cinematográfico (filmes), sonoro (fitas magnéticas) e o custo de laboratório é aproximadamente calculado em Cr\$ 20.000,

Total: 35.000,

Núcleos 5.3. & 5.4.

aluguel das instalações de TV (com homens & instalações) 15.000,

Diversos: cachês esparsos, gorjetas eventuais, cartões, cenários, extras e imprevisíveis 50.000, 196.500,

Este total (Cruzeiros cento e noventa e seis mil e quinhentos) por programa não prevê as eventuais viagens e estadias. Nesta fase, não me parece possível prever estes gastos.

A verba pela série inteira deveria ser liberada com antecedência parcelada suficientemente grande para permitir seu manuseio bastante flexível. Todavia, impõem-se certas normas, indispensáveis, a meu ver, na área financeira. Eis alguns exemplos:

* O pagamento dos profissionais deverá ser efetuado quinzenalmente e in loco, para lhes poupar o tempo perdido para deslocamentos. O diretor de produção será incumbido desta tarefa: pagará seguindo a lista nominal, assinada em conjunto pelo Coordenador e Diretor do programa; os recibos nominais, padronizados, serão por ele remetidos ao MOBRAL.

* Os pagamentos à TV-E, ao laboratório cinematográfico, a empresas locadoras de objetos e equipamentos etc. serão efetuados diretamente pelo MOBRAL mediante o documento assinado pelo Coordenador e Diretor do programa (ou Diretor de produção).

* O Diretor de produção manterá um fundo para os gastos aleatórios e imprevisíveis, dos quais prestará contas periódicas ao Coordenador. Além do Diretor de produção, só o Coordenador e o Diretor do programa poderão movimentar este fundo, sempre mediante comprovação.

* As viagens e estadias serão organizadas e pagas diretamente pelo MOBRAL tanto às empresas de transporte quanto aos hotéis.

Outras normas ainda poderão ser incluídas, para tornar o controle mais seguro possível, mas sem prejudicar a flexibilidade necessária.

10. PUBLICAÇÕES

Segundo informações recebidas quando dos encontros anteriores, o programa terá o acompanhamento na área editorial. Para unificar a tarefa global ao máximo, em benefício do resultado final, o abaixo assinado prontifica-se a colaborar neste setor, pondo à disposição do MOBRAL a sua longa carreira de editor educacional (conforme comprova o currículo entregue ao MOBRAL) e do diretor da Editora Documentário, desde 1974. Evidentemente, esta proposta está à margem do projeto, embora a elaboração das publicações deva corresponder, temática e cronograficamente, ao desenvolvimento da execução do programa em si.

No aguardo da apreciação do Exmo. Sr. Presidente do MOBREAL,
fico, a vosso inteiro dispor,

Marcos Margulies

Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1977.

Reproduzido da proposta original do Sr. Marcos Margulies

ELABORAÇÃO E SUPERVISÃO
Gerência Pedagógica do MOBRAL — GEPED

Ministério da Educação e Cultura
Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL

